

“Aqui é a calçada do oi”: A calçada e a rua como elementos intrínsecos no habitar a Comunidade do Timbó (João Pessoa-PB)¹

Williane Juvêncio Pontes (UFPB/Paraíba)

Palavras-chave: Calçada; Pessoaalidade; Habitar

Introdução

Ao pensar a cidade de João Pessoa-PB, é possível considerar diversas formas de habitar, compreendidas para além do ato físico de residir em uma rua, bairro ou cidade e entendidas como produção de uma experiência simultaneamente espacial e social, que envolve a apropriação do espaço (Lefebvre, 2013), a construção de sentidos e a elaboração de pertencimentos (Koury, 2001). O habitar se constitui como prática situada e relacional, atravessada por processos sócio-históricos e vivida em múltiplas escalas.

É a partir de uma dessas escalas, a do bairro, que este trabalho propõe uma análise etnográfica, se debruçando sobre a Comunidade do Timbó, localizada no bairro dos Bancários, zona sul da capital paraibana, e pesquisada no âmbito do mestrado e do doutorado². Produzido historicamente por seus moradores, o Timbó passou de ocupação irregular a comunidade, tendo seu modo de habitar fundamentado em redes de parentesco, vizinhança e amizade, que estruturam formas de sociabilidade marcadas pela intensa pessoaalidade (Prado, 1998), isto é, o conhecimento mútuo sobre as pessoas, suas trajetórias e acontecimentos cotidianos, delineando uma determinada relação dos moradores com o e no espaço.

As ruas e, sobretudo, as calçadas despontam como espaços centrais desse habitar, não apenas para passagem, mas como locais de permanência e interação. São nas calçadas e, às vezes, na rua onde cadeiras são dispostas, conversas se desenrolam, alianças e conflitos se explicitam, fofocas circulam, operam formas de controle social e se realizam trocas materiais e simbólicas. Tais práticas ordinárias constituem a experiência na comunidade e informam maneiras específicas de perceber, sentir e construir a cidade.

Ao articular habitar, pertença e pessoaalidade, este trabalho busca refletir sobre como sujeitos pobres e majoritariamente negros produzem o espaço e elaboram sentidos, enfatizando a perspectiva dos moradores, em especial das mulheres, e as

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026).

² Pesquisa realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

estratégias cotidianas por meio das quais constroem sua inserção na comunidade e na cidade. Assim, a etnografia no Timbó permite discutir as passagens entre as escalas da rua, do bairro e da cidade, evidenciando como habitar se constitui como experiência situada, relacional e relacionada com a ambivalência do gostar e do desgostar do espaço a partir de onde se experiencia a capital paraibana, construindo sentidos no e sobre o urbano.

Uma etnografia a partir da calçada

Para perceber e refletir sobre as formas de habitar no Timbó, retomo parte do material produzido etnograficamente entre 2018 e 2025, quando convivi corriqueiramente com os moradores na comunidade, de outubro de 2018 a junho de 2019 e de fevereiro a junho de 2023. Bem como quando os acompanhei digitalmente pela rede social Instagram, especialmente através de perfis de visualização pública que representam coletividades³, entre 2021 e 2024.

Foram duas formas diferentes de experienciar a comunidade na construção etnográfica, primeiro com as trocas face a face, de copresença nos espaços urbanos de convivência, e posteriormente com as observações e interações no digital devido a pandemia de Covid-19, que impossibilitou a continuidade do trabalho de campo presencial. Com retorno às ruas do Timbó durante o primeiro semestre de 2023, após o fim da emergência sanitária, como modo de aprofundar a interconexão entre presencial e digital na composição da experiência contemporânea de habitar, com as novas tecnologias assimiladas e ressignificadas no cotidiano dos moradores, de acordo com a forma de sociabilidade local.

Ao frequentar a comunidade, buscar estabelecer e manter relações de interlocução com os moradores, pratiquei a observação participante (Foote-Whyte, 1975) de modo a não apenas acompanhar o cotidiano como uma observadora passiva, mas participando e integrando as relações locais enquanto uma pesquisadora interessada em escutar e conversar sobre a história de chegada e moradia no Timbó, participar das interações

³ Perfis de visualização pública são aqueles que os administradores da conta configuram como aberto, cujas publicações podem ser vistas, curtidas, comentadas e compartilhadas por qualquer usuário da rede, sem a necessidade de que este siga o perfil em questão. Diferente das contas configuradas com privadas, com a visualização do conteúdo restrito somente aos seguidores. Além de aberto ao público, os perfis também possuíam a especificidade de representar coletividades da comunidade, tais como associações juvenis, grupos de danças, batalhas de MCs, campeonato de futebol amador, Organizações Não Governamentais (ONGs) e um perfil destinado a se vincular a veiculação da comunidade como um todo, um meio de comunicação entre os moradores para a divulgação do comércio local, de eventos, ações, realização ou interrupção de serviços públicos (como água), bem como de festas e demais atividades organizadas pelos locais.

cotidianas. Assim, fui apresentada às moradoras mais antigas pela então liderança comunitária de 2018, que possibilitou a inserção inicial no campo.

Um primeiro aspecto interessante nesse processo foi a técnica bola de neve, para aproximação com possíveis novos interlocutores, ter ocorrido principalmente com a indicação de mulheres para conversar. Conheci mulheres que indicavam outras mulheres e, inclusive, mediarão a apresentação, introduzindo as pretensões de pesquisa antes que eu precisasse explicar qualquer coisa, o que facilitou a construção de novas relações, uma vez que estavam embasadas em uma relação de confiança anterior. Uma rede foi montada com base em relações de amizades entre as interlocutoras, que intermediaram o contato com suas amigas.

Essa primeira rede construída a partir do contato inicial com a liderança comunitária, que também era uma mulher e se tornou uma importante interlocutora durante a pesquisa de mestrado, delineou um perfil de mulheres, a maioria estando acima dos 60 anos, que participou do processo de formação e desenvolvimento da comunidade e, por isso, foram classificadas como antigas moradoras por compartilharem uma média de mais de 15 anos de moradia, com algumas delas vivendo no Timbó há mais de 40 anos, desde o período da ocupação considerada irregular pela Prefeitura Municipal⁴.

Os locais iniciais de encontro e interação com essas mulheres foram às salas e cozinhas, no interior das casas, o âmbito privado. Um momento em que o contato foi caracterizado por idas intermediadas, em que interlocutoras me guiaram até a casa de suas amigas, onde entrávamos e conversávamos, a princípio, no cômodo da sala. Seguimos interagindo no interior das casas em várias ocasiões, principalmente nos horários de recolhimento doméstico, quando as moradoras se encontravam na residência para se proteger dos raios solares, assistir a programação televisiva e realizar tarefas do lar, tais como preparação de comidas, lavagem de louças, de roupas ou do chão, limpar os móveis e varrer os cômodos.

⁴ Para uma discussão sobre o processo de formação da comunidade, bem como sobre seu desenvolvimento, ler Pontes (2023, 2026).

Foi nas salas e cozinhas em que iniciei as conversas com Laura⁵, Dona Ivete⁶, Dona Creuzinha⁷ e Dona Fatinha⁸ (esta última se juntava às interações na casa de sua amiga e vizinha, Creuzinha), acessando também seus familiares, além do interior de suas residências. Um perfil estava sendo delineado ao seguir a técnica bola de neve, uma vez que os intermédios para novos contatos se baseavam na rede de amizade das interlocutoras iniciais, de modo que um grupo de mulheres católicas e de faixa etária similar passaram a compor o primeiro grupo de interlocutoras.

A necessidade de diversificar o contato com as moradoras levou a busca por iniciar interações sem intermédio, quando a consideração do ambiente reforçou a ênfase dos espaços coletivos do Timbó, que são usados para o encontro. Esses espaços coletivos são as ruas, as esquinas, a quadra poliesportiva e, sobretudo, as calçadas, onde é possível encontrar e abordar os locais. Isso porque as ruas são mais do que espaço de passagem para o trânsito de veículos e pedestres, são locais para a permanência através do jogo de bola das crianças, do uso das esquinas pelos jovens para conversar e ouvir música, da colocação de cadeiras de plástico e de balanço nas calçadas para se sentar enquanto observa a rua e conversa com os pares.

Ao transitar pelas ruas é comum observar tal uso das calçadas, o que fomentou a estratégia de abordagem nesse local, aproximando-se de grupos, duplas ou mesmo de moradoras disposta sozinhas em cadeiras, me apresentando como pesquisadora universitária e conferindo o interesse em conversar sobre a experiência de moradia no Timbó. Outro tipo de abordagem foi iniciar a conversa solicitando uma informação de como chegar a um dado espaço da comunidade, como a quadra, a associação de moradores, a creche, as igrejas católica ou evangélicas, entre outras possibilidades que permitiam mapear as referências utilizadas na delineação de uma cartografia social do Timbó.

A abordagem nas calçadas se mostrou produtiva, possibilitando o estabelecimento de um contato que se tornou corriqueiro devido a constância em procurar os moradores

⁵ Mulher negra, solteira, católica, com formação superior e que compartilha a casa com os pais, mas em processo de mudança para outro bairro na zona oeste, onde adquiriu um imóvel. Cresceu no Timbó, onde chegou ainda criança, em 1989, junto com a família, oriunda do interior da Paraíba.

⁶ Mulher branca, casada, mãe de 9 filhos (2 biológicos e 7 de “criação”, adotados na comunidade) e aposentada, natural do interior de Pernambuco. Compartilha a casa com o atual marido, 2 filhos, a nora e os netos, com residência no Timbó desde 1982.

⁷ Mulher branca, casada, mãe de 2 filhos (com quem compartilha a vizinhança), católica e aposentada. Divide a casa com o marido, mas seus filhos, netos e noras costumam frequentar cotidianamente a residência. Natural do interior da Paraíba, mora no Timbó desde 1987.

⁸ Mulher negra, casada, mãe de 3 filhos, católica e aposentada. Compartilha a casa com o marido e um neto. Interlocutora natural do interior da Paraíba que mora no Timbó desde 1984.

que se interessaram em conversar sobre a moradia na comunidade. Alguns desses moradores se converteram em interlocutores pela significativa contribuição na construção da pesquisa, ao compartilhar suas experiências e manter uma relação contínua durante todo o trabalho de campo presencial, como Dona Cláudia⁹, Zezão¹⁰, Isabela¹¹ e Angélica¹².

Desenvolver uma etnografia a partir da calçada, no Timbó, é se posicionar em um espaço ambivalente, pois apesar de estar situada na rua, no que podemos citar como de domínio do público, ou melhor, de uso coletivo e público, é apreendida como uma extensão da casa. É um espaço de intermédio entre o público e o doméstico/privado, em que tanto o ambiente residencial é visível pelas portas e janelas abertas que configuram a continuidade visível, usando os batentes da porta como assento, interligando grupos que se formam com pessoas nas cadeiras nas calçadas e também em rede ou cadeiras na sala da casa. Quanto os assuntos da conversa e as pessoas que compõem os grupos afirmam a intimidade presente.

Não é qualquer um que se senta na calçada, são aqueles que compartilham laços de amizade e reciprocidade, exercitando tal relação de vínculos próximos, pautados pela semelhança. Se atentar ao uso das calçadas permite entender como grupos são delineados, assim como estar nas calçadas possibilita observar e compreender como a diferenciação e a dessemelhança é operacionalizada, como o controle social ganha corpo. A calçada se torna, portanto, o palco onde as interações ocorreram, um local privilegiado para perceber e analisar a dinâmica da comunidade, com ênfase para as formas de habitar que são cotidianamente tecidas.

O material etnográfico é construído nessas circunstâncias de encontros e conversas nas calçadas com as interlocutoras, sentada em uma cadeira ou no batente, também conhecido como meio fio, perguntando e escutando sobre a trajetória de vida em relação à chegada ao Timbó e a experiência de moradia. Bem como contribuindo em assuntos sobre acontecimentos noticiados nos jornais locais, episódios de novelas, fofocas em alta na internet (envolvendo políticos, figuras/artistas famosos local, regional, nacional ou internacionalmente, entre outros assuntos banais) e respondendo

⁹ Mulher negra, solteira, mãe de 3 filhos e aposentada. Natural do interior da Paraíba, mudou-se para o Timbó em 1979, onde criou os filhos e reside atualmente compartilhando a casa com o neto.

¹⁰ Homem negro, natural do interior da Paraíba, casado, pai de 5 filhos e aposentado. Compartilha a casa com a esposa, 2 filhas e 3 netos; residindo no Timbó desde 1984.

¹¹ Mulher negra, solteira, estudante e “criada no Timbó”, onde reside desde 2004 com os pais e os irmãos.

¹² Mulher branca, casada, mãe de 2 filhos, pequena comerciante que se diz católica não praticante. Moradora do Timbó desde 1990, para onde se mudou após a compra de uma casa para iniciar a vida de casada. Reside com o marido, a filha e o neto.

as questões levantadas sobre a pesquisa ou sobre mim (como o local de moradia, o estado civil, a existência de filhos e demais curiosidades pessoais).

Uma curiosidade que considero comum no estabelecimento de uma relação contínua, em que o interesse não se cessa apenas na figura da pesquisadora, isto é, das minhas atividades e pretensões profissionais no local, as perguntas feitas em prol da pesquisa... O estabelecimento de uma relação de confiança requer um processo de troca, seja de informações profissionais e pessoais ou de contrapartida com auxílio à dadas demandas da comunidade, a exemplo da minha participação na banca de apuração das eleições para a associação comunitária, como membro externo e isento de relações com as candidaturas em concorrência, ou de escala na coleta de matrículas para cursos básicos de informática na sede da associação de moradores.

Trocas que ocorreram principalmente com as interlocutoras, mas também com outros moradores com quem mantive conversas, uma vez que estar na calçada também é compartilhar este local com outras pessoas. As interlocutoras geralmente estão rodeadas por seus familiares e amigos, que participam ativamente das conversas, acrescentando informações ou contestando as respostas às perguntas levantadas sobre a comunidade e o cotidiano. Ou, ainda, gesticulando com piscadelas jocosas, arqueamento de sobrancelhas, sorrisos e risadas relacionadas a dados assuntos abordados, como quando a conversa é sobre os últimos acontecimentos que movimentaram a comunidade, isto é, com atenções aos moradores, com novidades que podem ser tanto fofocas elogiosas como depreciativas (Elias e Scotson, 2000).

As conversas requerem atenção de escuta, certa participação e, sobretudo, observação das interações em desenvolvimento, cujos gestos, silêncios ou algazarras são imprescindíveis à captação para reflexão da situação e, conseqüentemente, das relações que se exprimem na comunidade. Uma observação atenta à disposição de como o local é ocupado e por quem, bem como ao que se desenrola na rua, como a ocupação de outras calçadas ou a trânsito de algum morador que suscita um novo assunto na conversa, a fim de situar a pesquisadora sobre a pessoa.

A maioria das entrevistas, por exemplo, foram realizadas/gravadas nas calçadas por escolha das interlocutoras, de modo que o momento de transcrição enfatizou a percepção do ambiente em que as interações se processaram. Os ruídos, mais do que sonoridades de fundo, como sons de passos ou de veículos, gritos de crianças, cumprimentos entre moradores, latidos de cachorro, música (especialmente aos finais de semana) ou sons do programa transmitido na televisão ligada na sala; são parte da

situação, compõem e permitem perceber o cotidiano, situando a calçada e os grupos que manteve relação com a rua e a comunidade de modo geral.

A calçada e a rua

Mencionei, até aqui, como a calçada se constituiu como um local privilegiado para encontrar, conhecer e interagir com as interlocutoras porque seu destaque é corriqueiro, é parte do cotidiano. A calçada se situa na rua, um espaço de trânsito frequente de pessoas e, em menor intensidade, de veículos, exceto na rua principal do Timbó, a Rua Abelardo Pereira dos Santos, onde o fluxo de automóveis é constante durante todo o dia devido a forte característica comercial e a conexão com a orla da zona leste, além de ser a única via pública da comunidade atendida por linhas de transporte coletivo.

As calçadas dessa rua principal são largas e padronizadas, compartilhando um tamanho próximo, com algumas sendo ocupadas por mercadorias ou banners em exposição para os clientes, enquanto outras contam com as motos, pneus, aros e demais peças utilizadas em borracharias. Entre comércio, casa e alguns poucos e pequenos prédios comerciais, há pessoas que transitam ou permanecem nas calçadas, utilizando a entrada dos estabelecimentos para se acomodar momentaneamente em duplas ou pequenos grupos de até 4 pessoas dispostas em uma conversas que são temporariamente suspensa com a chegada de algum cliente para ser atendido ou com a passagem de um conhecido que cumprimento e desenvolve breves diálogos antes de se retirar, isto quando se se integra ao grupo e enveredar por novos assuntos¹³.

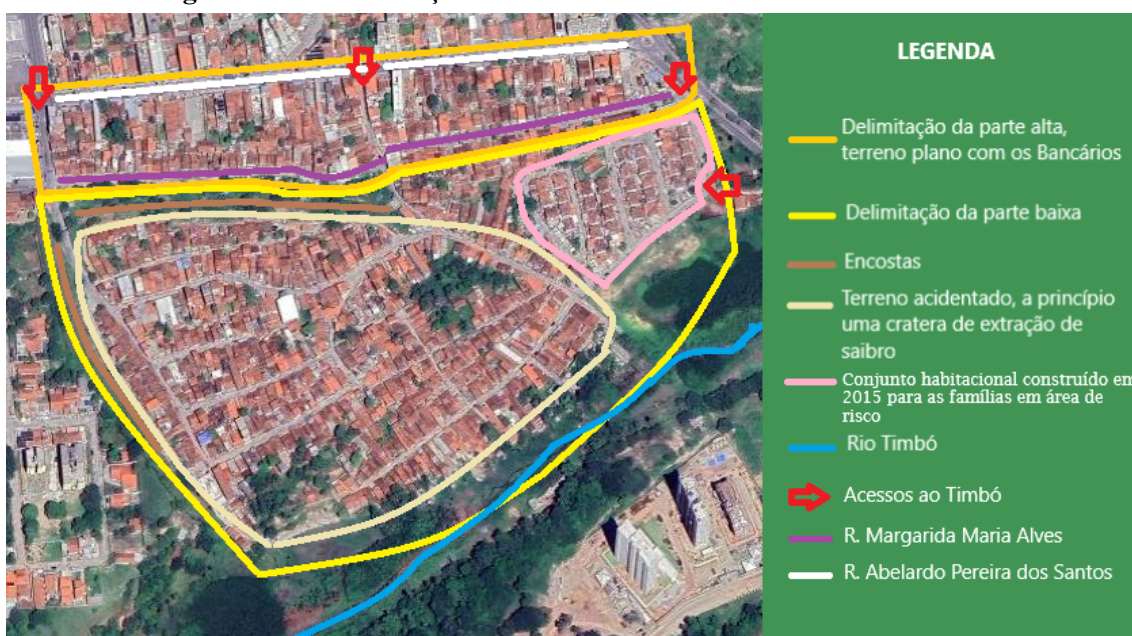
Na rua principal do Timbó já é possível notar o contraste com o bairro dos Bancários em relação ao uso das calçadas como local de permanência e encontro, não apenas de passagem de pedestres. Mas é um uso que se singulariza tanto em relação ao bairro quanto a própria comunidade, uma vez que as calçadas ocupadas são majoritariamente a de estabelecimentos comerciais, com uso em horário comercial, a partir das 8h até às 18horas é possível verificar os grupos, duplas ou sujeitos dispostos em cadeiras, tamboretas ou batentes das calçadas. Uma presença intensa durante o dia, pois após esse horário o ritmo decai e as calçadas ocupadas passam a ser apenas aquelas

¹³ Participei pouco de conversas nas calçadas de estabelecimentos comerciais, essas ocorreram em um momento da pesquisa em que buscava diversificar o grupo de interlocutores, agregando mais homens à relação continuada de colaboração. A estratégia seguiu sendo a de abordá-los nas calçadas, algumas delas eram a de estabelecimentos comerciais.

em que funciona o serviço de venda de espetinho ou onde há sinalização de ponto de transporte coletivo.

Nas casas que funcionam apenas como residência, sem dispor de um ponto comercial no cômodo frontal, o uso das calçadas por alguns dos moradores ocorre principalmente ao final da tarde, entre às 16h e 17h, não passando mais do que até às 18h reunidos nesse local. São, inclusive, poucos os moradores que realizam esse uso, um contraste com as demais ruas da comunidade, que são acessadas somente adentrando um dos acessos. Assim, é comum que habitantes da cidade transitem pelo Timbó, na rua principal, mas não adentre a comunidade, conheça as demais ruas, perceba a dinâmica local para além daquela rua que se tornou uma via de acesso rápido entre as zonas sul e leste da cidade.

Figura 01: Sistematização da malha urbana da Comunidade do Timbó



Fonte: Imagem aérea da Prefeitura Municipal de João Pessoa, modificada pela autora em 2025.

A rua principal e a Rua Margarida Maria Alves são as duas vias públicas que configuram a parte alta da comunidade, um terreno plano com o bairro dos Bancários, que também é sinalizado pela Prefeitura Municipal como Timbó I, uma classificação para fins burocráticos de atendimento à saúde¹⁴. A Rua Margarida Maria Alves, inclusive, é popularmente conhecida como Rua do Meio, ou RDM para acionar a abreviação comumente utilizada pelos jovens. Ganha essa denominação por se colocar

¹⁴ A comunidade é dividida em Timbó I e Timbó II para sistematizar o atendimento e prestação de serviços do SUS aos moradores, sendo uma classificação burocrática da Prefeitura, mas que aponta reflexos que contornos relacionais em torno da experiência de moradia.

“no meio”, ao menos simbolicamente, entre a comunidade e o bairro, uma vez que de um lado se situa o Bancários e do outro o Timbó.

Não é, no entanto, toda a rua conhecida como RDM, mas apenas o trecho localizado acima da encosta (na Figura 02 pode ser identificada na cor marrom), que atualmente se constitui como uma espécie de mirante que proporciona uma visão panorâmica da parte baixa da comunidade, área onde o Timbó surgiu. A parte baixa é composta por cerca de 19 ruas pavimentadas, com exceção das duas ruas abertas aos pés das encostas para criar um recuo em relação a estas áreas de risco ambiental, que seguem o contorno das construções das casas no processo de desenvolvimento da comunidade, por isso dispõem de traçados distintos: ruas largas, estreitas, retas, tortuosas, com cruzamentos ou sem saída, sendo que a maioria delas comungam várias dessas características, pois há aquelas que se iniciam largas, vão se estreitando em alguns trechos, que se tornam mais tortuosos.

Foi na parte baixa onde a comunidade surgiu, dentro de uma cratera aberta pela extração de saibro para a construção dos conjuntos habitacionais em edificação na zona sul durante o final dos anos de 1970¹⁵, sendo a área com maior densidade demográfica. Seguindo o traço orgânico da construção do Timbó pelos moradores, uma vez que foram os sujeitos que lutaram pela permanência neste local de moradia, que resultou na consolidação da comunidade, não apenas as ruas vão ganhando um contorno urbano, como também as calçadas e os espaços de convivência¹⁶.

As calçadas, especialmente, também não dispõem de um padrão, sendo diversas em sua conformação material, com ruas como a R. Abelardo Pereira dos Santos e o trecho da R. Margarida Maria Alves que não é denominada de Rua do Meio, sendo aquelas que possuem certo padrão: são amplas e dispõem de uma largura favorável para a alocação de quatro ou mais cadeiras (ver a primeira imagem na Figura 02, abaixo). As demais ruas seguem disposições variadas, mas, geralmente, as calçadas dispõem de espaço para alocação de ao menos duas cadeiras de plástico ou de balanço, ou, ainda, bancos. Aquelas que são delimitadas apenas como um meio fio, o batente, também são

¹⁵ O bairro dos Bancários foi um desses conjuntos construídos com a retirada de matéria prima do Vale do Rio Timbó, onde a comunidade está localizada. Para um aprofundamento desta discussão, ler Pontes (2023, 2025).

¹⁶ No desenvolvimento da comunidade, foram delimitados locais para construção de igrejas, associação comunitária e quadra esportiva, inicialmente. Com o tempo, outras demandas por locais surgem, como creche e posto de saúde, por exemplo, com mobilização comunitária junto a Prefeitura Municipal para conseguir tais serviços dentro do Timbó.

amplamente utilizadas, pois mesmo não comportando cadeiras, elas são colocadas na rua, junto à borda do batente.

Figura 02: Compilado de ruas e calçadas na Comunidade do Timbó



Fonte: A primeira foto é um registro da autora, já as outras três primeiras foram publicadas no perfil Nossa Comunidade, na rede social Instagram.

Com exceção da rua principal, asfaltada e pavimentada há mais tempo que o restante da comunidade, as demais calçadas recebem traçado com a urbanização da comunidade, finalizada em 2014/15. É a urbanização que delimita as ruas com a pavimentação em paralelepípedo e as calçadas com meio fio, de modo as casas com mais recuo acabam dispondo de um espaço maior da calçada.

A escolha pelas imagens compiladas na figura, inclusive, é parte de uma identificação de como as ruas e as calçadas ganham centralidade, também, nas redes sociais, com base nas publicações do principal perfil que produz e veicula conteúdo sobre o Timbó, o Nossa Comunidade. Tais elementos, a rua e a calçada, compõem os

espaços urbanos tão exaltados nos registros dos moradores e publicados ou repostados no referido perfil, acompanhados de emojis de coração que sinalizam o sentimento de amor pelo lugar.

A corriqueira produção e compartilhamento de imagens das ruas do Timbó geralmente aborda aspectos mais urbanísticos, sem presença ou enquadramento em moradores, mas nos locais, nos espaços urbanos da comunidade que ganham ênfase. Espaços esses que são ocupados pelos moradores, dispostos sozinhos e, principalmente, acompanhados, conversando e observando o cotidiano local no contraturno dos cuidados domésticos, das jornadas de trabalho formal ou informal, do turno escolar ou das atividades religiosas.

Uma ocupação que se tornou uma prática e se iniciou antes mesmo das calçadas ganharem contornos urbanos, quando os moradores se dispunham na frente das casas para se reunirem e exercitarem os laços de amizade e vizinhança com os mais próximos. Esse exercício pode ser lido como fruto da bagagem dos moradores que fundaram e desenvolveram a comunidade, majoritariamente oriundos de cidades interioranas, onde a pessoalidade impera nas relações. O sujeito habituado a estar na condição permanente de pessoa, localizado e identificado, recria tais relações de vínculos estreitos no novo lugar de moradia, com os espaços coletivos da frente da casa (a rua) sendo locais privilegiados para a manutenção dessas trocas intersubjetivas.

As amigas Creuzinha e Fatinha mencionam a construção da vizinhança na aproximação que se inicia com os encontros nos terreiros, isto é, na frente das casas de cada uma, onde os cumprimentos enveredaram por trocas de experiência quanto a chegada ao Timbó e seguiram um caminho orgânico de compartilhamento de informações pessoais sobre a família, os problemas vivenciados, os gostos em comum, entre outros aspectos de proximidade criados na manutenção cotidiana da relação nos encontros nos terreiros. E deles para o interior das casas, com as crianças brincando e crescendo juntas, assim como cresce os laços entre as amigas e suas famílias.

Quando a calçada surge, a construção simbólica de significação dos locais de encontro já está produzida e parece ser ressignificada. Agora não são mais terreiros formados por chão de terra batido, mas uma delimitação urbanística de rua e calçada que são assimiladas nas dinâmicas relacionais existentes na comunidade. Ao invés de se ocupar dos terreiros, sentam-se nas calçadas, mas continuam exercitando as relações de amizade e vizinhança.

As duas amigas em questão dispõem de calçadas amplas para distribuir cadeiras, mas preferem utilizar apenas um pedaço situado na junção entre as calçadas das duas casas, com Dona Fatinha e o marido alocados em cadeiras de balanço no lado que delimita a frente de sua casa, enquanto Dona Creuzinha, suas noras e netos se organizam em cadeiras de balanço e de plástico no lado que marca a frente da sua residência, formando um grande grupo de vizinhos.

As cadeiras são marcadoras de presença e de disponibilidade para o encontro, uma forma de se fazer presente e manter a sociabilidade, que se diferencia da lógica do anonimato e do enclausuramento urbano (Sennett, 2014). A caminhada pela comunidade se findava sempre que as encontrava nas calçadas, quando me aproximava, cumprimentava e era prontamente convidada a sentar, com a oferta de uma cadeira mesmo que tal mobília não estivesse disponível, o que ocasionava a ida ao interior da casa para pegá-la.

Local de encontro e permanência que é compartilhado entre familiares, amigos e vizinhos, mas não toda a vizinhança. Sentam-se corriqueiramente juntos e conversam sobre diversos assuntos aqueles que possuem um vínculo próximo, que é mais do que um conhecido e partilha de relações de solidariedade, confiança e amizade. O grupo formado nas calçadas de Creuzinha e Fatinha pouco variava, pois além da minha presença apenas outras duas mulheres se acomodaram no local, após convite para sentar, ambas pertencentes à mesma igreja das interlocutoras. Se aproximaram da calçada as pessoas que possuíam proximidade ou disposição para o cumprimento, indicando a nuance da pessoalidade na sociabilidade local.

Existe certa tensão que envolve essa pessoalidade, já que o fomento do conhecimento mútuo não necessariamente leva os moradores a produzirem relações de proximidade e amizade com todos os outros. É próprio de relações pessoalizadas a emergência de tensão e conflito que levam a indisposição entre moradores: causada pela antipatia, rompimento, fofocas, desentendimentos, ressentimentos, etc. As desavenças não necessariamente resultam no rompimento relacional, mas implica em evitação, o que pode ser visto no uso das calçadas ou em formas de jocosidades, percebida nos comentários quando alguma desavença transita pela rua.

Uma das pessoas que transitou pela rua sem nos cumprimentar ou sequer lançar uma olhada direta para a calçada, teve sua presença notada e comentada pela Dona Fatinha, que indicou a moradora como uma “incomodada” com a prática de cuidado das interlocutoras com a rua. Elas diariamente varrem todo o trecho em frente às suas casas,

até a calçada do outro lado da via. O comentário retirou uma risada de Dona Creuzinha, que acenava positivamente com a cabeça e, então, foi quase automático centrarmos a atenção em olhar a respectiva moradora preste a cruzar a esquina e sumir de vista. Prontamente mostrei-me interessada no assunto, que havia interrompido o anterior sobre as formas de ocupar o tempo na comunidade. Ao questionar de que modo o incômodo ocorria, a resposta foi rápida: “faz piada com nós”, em relação a prática de varrer a rua.

Ao ser perguntada sobre que tipo de piada foram tecidas, Dona Fatinha informa as variações dos comentários recebidos: “estão ganhando para varrer a rua?” “tá trabalhando na prefeitura?” ou “a prefeitura tá pagando quanto?”. A prática é alvo de piada e ocorre uma tentativa de causar desconforto e estimular uma indisposição disfarçada, não simplesmente pela prática de varrer a rua, mas por desavenças anteriores que são retorquidas e transpassadas no uso da ironia em relação a atos corriqueiros. Com a convivência, descobri que as rusgas relacionais entre as interlocutoras e a moradora se iniciou com a circulação de uma fofoca em que a respectiva mulher era alvo. Quando soube por terceiros que as interlocutoras estavam comentando o fato com graça, a mulher se ressentiu e foi tirar satisfação.

A relação que não era de amizade, mas que mantinha cumprimentos cordiais, segundo uma das noras de Dona Creuzinha, foi tensionada e se transformou em uma rusga relacional. Quando há possibilidade, a antipatia entre as referidas moradoras é evidenciada tanto em comentários para terceiros, como as interlocutoras fizeram questão de me falar, quanto em piadas entre as envolvidas em indisposições, como a situação que envolve a prática de varrer a rua. A tensão é administrada nesse jogo interacional, não como uma preocupação em mitigar situações que colocam em risco a fachada do outro, como trabalha Erving Goffman (1985) ao discutir as interações face a face, mas com um esforço em provocar constrangimentos, que promovem a continuidade dos pequenos conflitos corriqueiros, que expõe as fragilidades relacionais.

Logo, para compartilhar cotidianamente a calçada com outros é preciso que se conserve uma relação baseada em vínculos estreitos de confiança e reciprocidade, fomentada em códigos de semelhança que permitam considerar o outro como um igual. Aos conhecidos dessemelhantes – simbolicamente distantes – a indiferença se manifesta, o comentário depreciativo pode ser tecido direta ou indiretamente a pessoa em questão e a calçada não é compartilhada. As tramas da sociabilidade, identificadas e observadas através das calçadas, contribuiriam para montar um mosaico do cotidiano no Timbó. Nessa direção, Dona Ivete tece considerações significativas sobre a vivência na

comunidade em comparação com outros espaços da cidade, como o bairro dos Bancários. Tal diferenciação aciona, entre outros aspectos, o uso das calçadas:

A gente fica aqui até não sei que horas da noite [...] onde é que você, no conjunto ou noutro tipo de canto, vai pegar uma cadeira com a sua família e vai sentar na calçada pra conversar? Isso era antigamente, eu quero ver hoje! É muito difícil, mas aqui a gente fica. Eu duvido aparecer um de fora e dizer passe para dentro [A vizinha e comadre da interlocutora complementa: “Aqui a gente chega de madrugada e ninguém mexe com a pessoa!”]. Tá canso¹⁷ da gente ir para o forró lá em Mangabeira e chegar de madrugada (Dona Ivete, moradora da Comunidade do Timbó desde 1981).

É na comunidade onde se afirma ser possível colocar as cadeiras na calçada e sentar com a família, o que não acontece “no conjunto ou noutro tipo de canto”, ou seja, uma situação que não ocorre no bairro dos Bancários, que é comumente referido pelos moradores mais antigos como o conjunto, em referência a época da chegada ao Timbó. A diferenciação entre o bairro dos Bancários e o Timbó é perceptível durante as caminhadas nos arredores da comunidade, onde o uso das calçadas para permanência e conversa se sobressai no Timbó. Se “é muito difícil” a calçada ser produzida como um local para o exercício da sociabilidade no bairro, afirma-se que “aqui a gente fica” e ninguém de fora, um desconhecido, irá importunar, porque “ninguém mexe com a pessoa” nem de madrugada.

O sentimento de segurança se configura na previsibilidade do cotidiano, compartilhado com moradores que são pessoas conhecidas e que, mesmo quando dessemelhantes e com indisposições recíprocas, há referências de vizinhança. Impera um conhecimento mútuo das pessoas e sobre a dinâmica do lugar de moradia, pois não há espaço para ser anônimo. Habitar a comunidade é, de certa forma, vivenciar um cotidiano em que se conhece as possibilidades do que pode ou não acontecer. As práticas tornam-se de conhecimento comum e a fofoca é um dos meios mais eficientes de vigilância e controle.

Como local de exercício da sociabilidade, a calçada também é um ambiente de vigilância comunitária e controle social, tanto dos outros quanto de si mesmo. Da calçada é possível ficar com os olhos na rua e acompanhar o movimento, o cotidiano e, conseqüentemente, o “outro” com quem convive. Este, por sua vez, pode ser alvo de comentários, uma fofoca. Condições que perpassam as relações pessoalizadas na comunidade e fomenta o conhecimento mútuo (Elias e Scotson, 2000)

Sentar na calçada de Dona Ivete foi uma experiência singular em relação às demais, visto que a interlocutora concentra um grande grupo de pessoas: ela, seu atual

¹⁷ Canso é uma derivação de cansar e se refere a cansaço, algo que se cansou

marido, a filha mais nova, o filho, a nora e três netos, a comadre que residem em outra rua, acompanhada de sua respectiva filha e uma vizinha. Esse grupo ganha, periodicamente, mais pessoas que param para conversar, por vezes aceitam a cadeira oferecida para sentar, mas geralmente a dispensam e continuam a conversa por cerca de 15 a 20 minutos até seguir para outro destino.

Esta foi uma das calçadas privilegiadas que frequentemente escolhi para sentar, tanto pelo número de pessoas que agregava, quanto pela movimentação que permitia acompanhar na rua, uma das maiores a cortar a comunidade e o principal acesso utilizado pelos moradores que entram ou saem do Timbó caminhando. O fluxo de pessoas, especialmente ao final da tarde, é alto e contínuo, sendo comum os diversos cumprimentos escutados e dados ao longo de um período ali sentada. Tanto que as conversas frequentemente eram interrompidas para retribuir ou ofertar um cumprimento ou perguntar o horário da celebração na igreja ou, ainda, saber como tal pessoa está, seja devido a veiculação de notícia sobre adoecimento, mudança ou porque faz certo tempo que não a encontra.

Foi nas interações na calçada de dona Ivete que surgiu a denominação da calçada do oi, quando, após as corriqueiras interrupções supracitadas, a interlocutora retoma a conversa sobre como era morar no Timbó atualmente e menciona: “aqui é a calçada do oi! Todo mundo passa e dá oi, boa tarde, boa noite...”. Uma constatação que se baseia não apenas nas situações vivenciadas durante as interlocuções de pesquisa naquela calçada, como baseada na experiência de moradia na comunidade, onde as relações são pautadas em trocas intersubjetivas que coloca os moradores em constante condição de pessoa e, com isso, promove o encontro ao outro próximo, reconhecido na dinâmica local e cumprimentado na manutenção de relações de cordialidade.

As tensões não estão livres nessa forma de viver a comunidade, elas podem ser identificadas e produzidas nas calçadas, como vimos, mas é mais comum que as relações de amizade recebam ênfase, nas trocas de cumprimentos, nas paradas para conversar um pouco ou ainda na permanência nas calçadas, com o aceite do convite para sentar. A Comunidade do Timbó surge todo o tempo como lugar de pessoalidade, isto é, que possibilita o conhecimento mútuo.

No Timbó o morador vê e se relaciona cotidianamente com seus vizinhos, pode contar com a ajuda dos demais moradores e faz uso das calçadas como lugar de prática relacional sem se preocupar com o horário e com o fato de alguém tentar importunar, salienta Dona Ivete. É um processo de construção de um espaço com base em relações

de vínculos próximos e trocas intersubjetivas, onde a rua e, principalmente, a calçada se tornam palco para essa produção e manutenção do Timbó. É assim que percebo uma forma de habitar, com os moradores fabricando corriqueiramente a comunidade nas práticas permeadas por sentidos que enfatizam o estar junto, que não necessariamente é harmônico, pois também permeado por tensões relacionais próprias da pessoalidade, desse conhecimento mútuo.

Considerações Finais

As calçadas são espaços públicos, prioritariamente, para a circulação daqueles que caminham pela cidade, proporcionando segurança ao fornecer uma via distinta dos veículos. A calçada é um suporte físico para os pedestres, especialmente se tratando de como é utilizada em espaços urbanos como o bairro dos Bancários, onde é, majoritariamente, um local para passagem, como observado durante as caminhadas nos arredores da comunidade e pelo bairro. No Timbó a calçada é produzida como um local de encontro e de trocas, se configurando como um espaço relacional e simbólico, um palco da vida cotidiana.

A calçada ganha destaque, é onde transcorre a produção etnográfica e, sobretudo, onde se funda o cotidiano, as relações habituais que exercitam uma forma de sociabilidade, constroem esse local de vivência. O local privilegiado para conhecer, encontrar e interagir com os moradores, especialmente aos finais de tarde, quando os raios solares amenizam e a maioria das calçadas estão sombreadas, permitindo a permanência.

Neste sentido, a calçada deixa de ser apenas um traçado urbano e se torna uma categoria etnográfica que permite compreender uma forma de produzir relações de amizade e vizinhança, de elaborar e manter laços de proximidade, bem como delinear distanciamentos e fronteiras relacionais. Um elemento metodológico e analítico que permitiu perceber e refletir sobre a condição de pessoa que os locais constantemente estão sujeitos. É onde se constrói e exercita a dinâmica da comunidade, o modo como os moradores a habitam.

Habitar, portanto, não consiste somente em morar na comunidade, pois é configurado por ser uma pessoa reconhecida, construir vínculos, negociar conflitos e ocupar coletivamente os espaços, fabricando sentidos que permitem pertencer, se sentir parte. Assim, o Timbó é continuamente produzida pelas relações que se desenrolam nas ruas e, sobretudo, nas calçadas, um processo que tece e reciprocamente tecido enquanto um habitar, construindo um modo de ser e estar no urbano a partir da comunidade.

Ao deslocar o olhar para essas práticas ordinárias, este trabalho busca contribuir para uma compreensão da cidade construída a partir do cotidiano de seus habitantes. Uma produção do espaço urbano que se realiza no cotidiano de colocar cadeiras na calçada, cumprimentar quem passa, interromper uma conversa para acolher um vizinho, comentar os acontecimentos do dia, administrar conflitos ou simplesmente permanecer junto. Logo, a expressão “aqui é a calçada do oi” sintetiza uma característica local e, especialmente, uma forma de habitar que é marcada pela pessoalidade e pela presença constante do outro na experiência corriqueira da comunidade. A calçada é o local onde os moradores se encontram, se reconhecem e produzem continuamente o Timbó.

Referência

- ALVES, Glória da Anunciação. A produção do espaço a partir da tríade Lefebvrina concebido/percebido/vivido. **Geosp - Espaço e Tempo**, v. 23, n. 3, pp. 551-563, 2019.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. 2000. Os estabelecidos e os outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- FOOTE-WHYTE, William. Treinando a observação participante. In: ZALUAR, Alba (Org.). **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, pp. 77-86, 1975.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Enraizamento, pertença e ação cultural. **Cronos**, v. 2, n. 1, pp. 131-137, 2001.
- LEFEBVRE, Henri. **La producción del espacio**. Madrid: Capitán Swing, 2013.
- LOPES, Ricardo Ferreira; ROCHA, Josielle Cíntia de Souza. O sentido de habitar os espaços urbanos a partir da experiência corporificada. **Revista Estudos Geográficos**, v. 23, n. 3, pp. 195-218, 2025.
- PRADO, Rosana. Cidade Pequena: paraíso e inferno da pessoalidade. **Cadernos de Antropologia e Imagem**, n. 4, pp. 31-56, 1998.
- PONTES, Williane Juvencio. Periferização e estratégias de resistência: a formação de uma comunidade a partir do processo de crescimento urbano de João Pessoa-PB. **Ponto Urbe**, v 31, n. 1, pp. 1-21, 2023.
- PONTES, Williane Juvencio. Reivindicando a cidade: a produção da comunidade do Timbó como espaço de moradia. In: SANTOS, Priscila Tavares dos et al (Orgs.). **Fazer cidade: lutas e práticas de habitar no espaço urbano**. Rio de Janeiro: Autografia, pp. 51-78, 2026.
- SENNETT, Richard. O declínio do homem público. Rio de Janeiro: Record, 2014.